

Imagens poéticas: o tempo em Os cus de Judas, de António Lobo Antunes

Alba Valéria Niza Silva⁴

Universidade Estadual de Montes Claros

Walisson Oliveira Santos⁵

Universidade Estadual de Montes Claros

Página |
19

Resumo

O imaginário é compreendido como um conjunto de imagens capaz de cultivar um todo coerente, isto é, embora as imagens possuam sentidos variados, há sempre uma força subjacente que confere coerência aos sentidos emanados por elas. Este trabalho objetiva, portanto, investigar as imagens poéticas que figuram o tempo no romance *Os cus de Judas*, publicado em 1979, de António Lobo Antunes. Além disso, buscamos verificar como é articulado o conceito de tempo, de modo a compreender não só as estratégias narrativas e discursivas do autor, como também sua relação com o contexto histórico no qual estava inserido. Posto isso, adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica e de cunho qualitativo. Assim, refletimos sobre as imagens poéticas em *Os cus de Judas*, adotando como referência os estudos de Fonseca (2015), Durand (2011), Paz (2015), Bachelard (2009), Seixo (2002), entre outros. Através da análise da referida obra, constatamos que as imagens poéticas que emergem de Lobo Antunes figuram o tempo como o sobrestar da existência, a proximidade entre autor e narrador, entre testemunho e ficção. Além disso, peregrinam em um mundo etéreo, desconhecido e intangível ao ser vivente; ou, ainda, como um recurso de salvação.

Palavras-chave

António Lobo Antunes. Os cus de Judas. Imagem poética. Tempo.

⁴ Doutora em Letras pela PUC Minas (2013); mestre em Letras - área Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas (2007); graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (1998). Atualmente, é professora da graduação e do Programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES.

⁵ Mestrando em Letras/Estudos Literários pela Unimontes (2022-). Graduado em Jornalismo pela UniFunorte (2021) e em Letras - Português pela Unibe (2023). Pós-graduado em Marketing e Comunicação Empresarial pela Faculdade Serra Geral (2022), em Literatura Brasileira pela UniAlphaville (2022), em Educação Inclusiva pela Faculdade de São Vicente (2022) e em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Iguazu (2023).

Introdução

“Já reparou que a esta hora da noite e a este nível do álcool o corpo se começa a emancipar de nós, a recusar-se a acender o cigarro, a segurar o copo numa incerteza tateante, a vaguear dentro da roupa oscilações de gelatina?”.

(António Lobo Antunes)

O estudo de obras literárias possibilita conhecer diferentes maneiras de representar os vários fenômenos que se manifestam e são percebidos por nós, leitores. Temporalmente, variados escritores privilegiaram palavras organizadas artesanalmente para expressar poeticamente imagens carregadas de significado. As imagens geradas por seus ofícios exerceram, portanto, funções distintas, a depender do período histórico e da cultura em que foram realizadas.

Essa alusão ajuda a construir uma forma de compreender as imagens como meios de representar os fenômenos que se configuram a nós, relacionando-se aos modos de vida em sociedade e seus saberes respectivos. Deste modo, elas dizem respeito à forma que percebemos e interpretamos o mundo.

A presente pesquisa objetiva, portanto, investigar as imagens poéticas que figuram o tempo no romance *Os cus de Judas*, publicado em 1979, de António Lobo Antunes, importante expoente da literatura portuguesa dos séculos XX e XXI. Além disso, busca verificar como é articulado o conceito de tempo, de modo a compreender não só as estratégias narrativas e discursivas do autor, mas também sua relação com a contemporaneidade.

Os cus de Judas é um romance moderno no berço da literatura portuguesa. Ousado, sarcástico, irreverente, distante do bom comportamento das letras de origem lusitanas. A obra revela aos leitores brasileiros, desde sua publicação, os relatos diários de um ex-combatente do Exército Português na Guerra Colonial na África, o reencontro do país consigo mesmo e a dilacerante experiência de viver em silêncio uma ditadura fascista. Uma leitura densa, carregada de emoção, imagens e reflexões sobre a guerra e reflexos da própria vida do autor.

É possível reconhecer cidades como Luanda, Lisboa, Ninda, Chime, Gago Coutinho e Malange, a partir da narrativa supracitada. Desta forma, as características únicas destas áreas geográficas evidenciam o papel que o narrador-personagem desempenha e a posição que ocupa na história. Um personagem que passa por variadas transformações como resultado das atrocidades que presenciou ao longo da guerra.

Nessa conjuntura, observamos forte denúncia à maneira como o Estado português violento moldou a construção ficcional da personagem. Como resultado, o narrador-personagem emprega intrincados artifícios irônicos, como mostrado no trecho: “Felizmente que a tropa há de torná-lo um homem” (ANTUNES, 2009, p. 13).

Além disso, a noção de "homem", tema comum nos escritos de Lobo Antunes, é apresentada pelo narrador a partir das reflexões, das emoções e das falas de muitas de suas personagens:

A miséria colorida dos bairros que cercavam Luanda, as coxas lentas das mulheres, as gordas barrigas de fome das crianças imóveis nos taludes a olharem – nos, arrastando por uma guita brinquedos irrisórios, principiaram a acordar em mim um sentimento esquisito de absurdo, cujo desconforto persistente vinha sentindo desde a partida de Lisboa, na cabeça ou nas tripas, sob a forma física de uma aflição inlocalizável, aflição que um dos padres presentes no navio parecia compartilhar, afadigado em encontrar no breviário justificações bíblicas para massacres de inocentes. (ANTUNES, 2009, p. 23)

Para a realização deste trabalho, adotamos, metodologicamente, a pesquisa de revisão bibliográfica e de cunho qualitativo, adotando como referência os estudos de Fonseca (2015), Paz (2015), Durand (2011), Bachelard (2009), Seixo (2002), etc.

Assim, buscamos não só compreender o *corpus* da narrativa em si, como também escavar o universo discursivo que fundamenta a produção literária de Lobo Antunes, inserida num contexto histórico marcado pelo fim das colônias portuguesas em África, numa postura fortemente revisionista das bases da identidade cultural portuguesa.

1 Na trilha do lobo

António Lobo Antunes é atualmente um escritor que, por meio de recursos nada convencionais ao cânone da literatura portuguesa – com frases longas, parágrafos sem fim e nenhuma ordem cronológica de apresentação dos fatos –, elabora romances que desvelam uma escrita dilacerada, de modo a descobrir um caminho a partir de cicatrizes, de detalhes e de imagens que expressam a poesia de cada momento.

Escritor ainda vivo, nascido em 1942 em Lisboa, formado em medicina com especialização em psiquiatria, Lobo Antunes participou como médico do exército português durante a Guerra Colonial, entre 1971 e 1973, em Angola.

Nesse contexto, notamos nas tessituras do autor as experiências dos três anos de conflito em terras africanas. Entre eles, o tema central dos seus três primeiros romances publicados – *Memória de Elefante* e *Os cus de Judas*, ambos em 1979, e, em 1980, a obra

Conhecimento do Inferno – e os recursos da memória e da reminiscência para revelar a angústia de quem viveu em campos de batalha.

Duas grandes nódoas nas obras loboantunianas são a marcação do tempo e o arquivo da memória, conforme explica Fernandes (2000). Em outras palavras, suas narrativas afirmavam que o inesquecível existe, ainda que esta existência seja de mortos que não puderam ser enterrados. Por outra vertente, “A fixação [de António Lobo Antunes] doentia no passado reflete, em todos os romances, o sintoma do ressentimento profundo nas personagens. A escrita, assim, é um signo de mortos que lutam contra ou a favor do esquecimento”. (FERNANDES, 2000, p. 2, grifo nosso).

Assim, ressaltamos que as trilhas literárias loboantunianas revestem-se sempre de um peregrinar no percurso do tempo, de lembranças e de memorações, ou seja, todas passam a ser verbalizadas para então serem materializadas através de escombros traumáticos, de imagens como representação do real.

Segundo Fernandes (2000), em linhas gerais, dois momentos históricos são latentes nos romances do autor: a Guerra Colonial em Angola e a Revolução dos Cravos. Conforme explicam Rommel e Sparemberger (2017, p. 4):

A Guerra Colonial produziu-se em um contexto em que os países africanos buscavam sua independência do colonialismo europeu, que perdurava no continente há séculos. [...] a guerra foi responsável por mobilizar uma grande parcela da sociedade portuguesa, que esteve envolvida direta ou indiretamente no conflito e em suas conseqüências. [...] A Revolução dos Cravos, em abril de 1974, assinala em Portugal o final do período imperial, marcado pela ditadura salazarista e pela Guerra Colonial nos territórios ultramarinos. (ROMMEL; SPAREMBERGER, 2017, p. 4).

É através dessas experiências que a escrita loboantuniana traz, como elementos essencialistas, releituras histórico-sociais de histórias de vida nos campos de batalha e originais combinações de ironia, lirismo, processos de abjeção e violência, em narrativas fragmentadas, construídas sobre estruturas sisudas, que exigem do leitor esforço e demasiada concentração durante a leitura (FONSECA, 2015).

1.1 Os cus de Judas

Apontado pela crítica como um dos primeiros testemunhos literários sobre a Guerra Colonial na África, a produção ficcional de *Os cus de Judas* organiza-se sob uma composição dividida em 23 capítulos e nomeados conforme as letras do alfabeto português, de “A” a “Z”.

Para Seixo (2002, p. 42), a divisão em 23 capítulos estabelece um “exame crítico e emocional da guerra em Angola de A a Z”. Em consonância, Cardoso (2011) diz que os capítulos reconstróem a concepção do mundo português, apresentando-se como uma espécie de “alfabeto da agonia”, no qual Lobo Antunes efetua um método de questionamento da vida e da sociedade portuguesa no período pós-Revolução dos Cravos, abordando questões traumáticas no seio da coletividade nacional.

O título do romance, além de remeter à lonjura e ao isolamento geográfico que os combatentes enfrentam ao serem enviados à guerra, no continente africano, direciona-se também a Judas Iscariotes, personagem bíblico conhecido pela traição, por entregar Jesus aos seus inquisidores, condenando-o à sentença de morte em troca de 30 moedas de prata. Segundo Rommel e Sparemberger (2017, p. 8):

Essa metáfora utilizada por Lobo Antunes transmite a ideia da traição, sendo o soldado português o sujeito que seguiu os ensinamentos de sua pátria, mas que, no decorrer da vida, se encontra marginalizado, entregue a um tempo pós-colonial no qual não é aceito, por ser ele a memória viva de um tempo marcado pelos traumas e pela opressão da guerra e do fascismo do Estado Novo, dos quais ele próprio é igualmente uma vítima.

Já no *corpus* do romance, por meio de uma dilacerada narrativa em primeira pessoa, o narrador extravasa suas angústias e lamentações, fragmentadas, alternando em forma de relato as tragédias do país com lembranças da juventude, além de tecer uma densa leitura, carregada de emoção e reflexões sobre a guerra e sua própria vida, lançando uma forte crítica à sociedade burguesa e ao sistema imperialista português.

Diante disso, em *Os cus de Judas* temos como protagonista/narrador (não nomeado), um médico psiquiatra recém-retornado da Guerra Colonial em Angola, um “cu de Judas” sem lei, onde exerceu a função de tenente médico do Exército português durante cerca de dois anos – onde a morte batia à porta do fim de uma vida, sem dilema.

Vale destacar ainda que o viés do relato de narrar de forma breve um fato específico vivido por uma pessoa e suas consequências, reflexões, sequência de fatos, pessoas, tempo, espaço, apresenta-se como elemento essencial na construção do narrador na leitura de Lodge (2011), na qual:

O narrador é um personagem que se refere a si mesmo como “eu” e trata o leitor por “você”. Ele (ou ela) usa o vocabulário e a sintaxe típicos da língua falada e dá a impressão de estar fazendo um relato espontâneo da história em vez de nos apresentar um registro escrito elaborado com toda a atenção e cuidado. Somos mais ouvintes do que leitores. Desnecessário dizer, isso é apenas ilusão, o resultado de um esforço calculado e de reescrita minuciosa por parte do autor “real”. Um estilo narrativo que imitasse conversas reais com toda a perfeição seria quase impossível

de entender, como acontece às transcrições de conversas gravadas (LODGE, 2011, p. 28).

Perante o exposto, constata-se que Lobo Antunes privilegiou a construção de um narrador que se tornasse o protagonista ou participasse da ação, e pudesse ser utilizada como exemplo a descrição do lugar onde ele está (é preciso fazer o leitor “visualizar” o ambiente e os envolvidos).

Com referências a livros, músicas e filmes, o protagonista ilustra particularidades de sua experiência nas batalhas, no intuito de transmitir ao leitor seus sentimentos em relação a cada momento de sua vida. A título de exemplo, a angústia de estar longe da mulher grávida de sua primeira filha, a saudade da família, os horrores dos seus pacientes mutilados.

Lá, no âmago da guerra, o narrador examina que o perigo da história única se encontra nas suas mãos, e para o que elas eram realmente úteis: trazer a morte e finalizar uma vida. É possível notarmos também que o tempo de serviço em Angola afeta diretamente a psique da personagem, tirara-lhe a conta-gotas um pedaço de si, um pedaço da vontade de se manter vivo ante os verbos da guerra. Melhor dizendo: ele se sente tão perdido que apenas a guerra lhe parece familiar. Porém, um conforto longe de ser apreciado no calor da carne, especialmente quando percebe que parte da negligência enfrentada no país vem de seus próprios companheiros, de seu povo.

A partir dessas considerações, Lobo Antunes contempla o contrassenso da guerra, as nuances da violência, os processos de abjeção e o encadeamento de dominação imposta não somente aos africanos, mas também aos próprios combatentes portugueses.

Outro ponto fulcral deve-se à palavra “embarque”, pois ela torna-se uma das chaves que abrem o desenvolvimento da trama e, sobretudo, as desventuras em série do protagonista. Se, por um lado, a palavra adentra num navio cheio de tropas, rumo à Angola, acompanhado com regozijo e exaltação pelos seus familiares, “[...] uma tal metamorfose, [...] num arroubo de fervor patriótico” (ANTUNES, 1984, p. 13); por outro, “[...] ser acotovelada por uma multidão agitada e anônima semelhante à do quadro da guilhotina, que ali vinha assistir, impotente, à sua própria morte” (ANTUNES, 1984, p. 13). Esse último, para Rommel e Sparemberger (2017), pode ser entendido como um

[...] triste e cruel quadro da inoperância e submissão sociais perante os efeitos da opressão da ditadura comandada por Salazar, que revestia a guerra de um caráter de missão humanitária e nacionalista, que visava a extinguir a atividade terrorista nas colônias. (ROMMEL; SPAREMBERGER, 2017, p. 7).

O embarque também se torna símbolo de retorno. E o protagonista, ao retornar da guerra, jamais consegue restabelecer as suas relações sociais, familiares e profissionais.

Encontra-se divorciado da esposa e incompreendido pela família, que esperou que a sua participação no Exército o tornasse um “homem de verdade”, digno de representar toda a tradição de seus antepassados, ironicamente designados pelo narrador como “furibundos generais” participantes de “gloriosos combates de gamão de bilhar”, falecidos muito antes do seu nascimento. (ANTUNES, 1984).

Diante de tais pressupostos, Lobo Antunes produz uma narrativa mediante uma ácida crítica ao regime salazarista do Estado Novo; o drama enfrentado pelos soldados tanto nos campos de batalhas quanto seus retornos aos seus ninhos que, muitas vezes, tinham sua vida pessoal/profissional fragmentada, e toda a brutalidade que o sistema colonial impunha ao povo das colônias africanas.

Os cus de Judas, assim, configuram-se em uma obra literária que esquadrinha os azulejos de uma construção em ruínas, especula o alheamento, o silêncio que o próprio país mantinha diante da Guerra Colonial, o movimento revolucionário. Revela, ainda, dois planos: Lisboa e África, o passado e o presente, o tempo e a memória, o conforto amoroso e a solidão singularizante.

2 Escrever com a palavra e ver com a imagem

É comum pensarmos que a imaginação é como uma artesã que coze em imagens uma colcha de retalhos, a partir de tecidos fornecidos pela percepção do tempo e pela memória. E, por meio de suas mãos, suas produções são possibilidades, mas outras podem ultrapassar o limite do possível.

Entretanto, em alguma linha de sentido, a imaginação seria, como sua alcunha sugere, uma capacidade de produção de imagens ou estruturas imagéticas, principalmente, por seres vivos pensantes, a qual: ou (i) forneceria a "matéria" que, basicamente, dá origem a novos conceitos e ideias, significação de termos e enunciados, ou (ii) às quais, após produzidas, aglutinar-se-iam junto às palavras. (DURAND, 2011).

No esteio dos estudos de Durand (2011), o imaginário se constitui, portanto, em um tear obrigatório pelo qual se forma qualquer representação humana, isto é, para ele o pensamento forma-se pelo imaginário. Em outras palavras, o imaginário é o museu de todas as imagens passadas e aquelas possíveis de serem produzidas; ele constrói imagens, às quais se juntam as descrições linguísticas adequadas de seu sentido e da sua referência. Desse ponto de vista, a definição de imaginário assume diferentes acepções, consoante a importância que se atribui a cada categoria de imagem.

A relação entre imagem e texto literário, por sua vez, produz a pluralidade da realidade e revela uma prática de escrita que, em primeiro lugar, duvida da palavra e quer transformá-la numa questão mais profunda. Blanchot (2010, p. 43) diz que por intermédio da questão “[...] oferecemo-nos a coisa e oferecemo-nos o vazio que nos permite não tê-la ainda ou tê-la como desejo”. Seria então nesse preciso momento colocado uma distância, uma relação que é não-relação entre escrever e ver. “Isso porque palavra e imagem jamais se reduzem uma à outra, elas antes nos lançam ao infinito da linguagem” (HACK; SOUSA, 2015, p. 228). Segundo Reis (2015, p. 46):

Escrever seria, portanto, como fazer uma escavação. E as palavras seriam como a terra, por vezes seca, terreno pedregoso, sedimentado, outras tantas macias, ao menor movimento as mãos afundam, se confundem com ela. Algumas palavras deixam com sua aridez a letra dura, o pensamento compacto. [...] E as palavras seriam ainda um instrumento de escavação, algo como uma enxada ou uma pá, instrumentos com os quais chafurdamos em outros textos, no próprio pensamento. (REIS, 2015, p. 46).

À luz do exposto, esta pesquisa busca se debruçar sobre o romance *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes: uma imagem está em intimidade com a palavra. Intimidade, já que uma imagem, em seu fascínio, lança-nos à palavra ainda que seja à palavra “poética”: arte de elaborar composições poéticas, porque todo texto quando lido tece de forma enlevada imagens do mundo externo, o modo da própria consciência que badala e articula o devaneio, a imagem poética.

Segundo Lacoste (2011), a “poética” concerne à contemplação por um olhar puro, uma raiz que estuda a qualidade das obras artísticas no que tange à sua produção, ao que elas expressam e sobre o que provocam na sociedade. Já a poética, como disciplina teórica, é o estudo de obras literárias, particularmente as narrativas, visando esclarecer as especificidades gerais delas, sua literalidade. A palavra pode, ainda, indicar um ato poético, normalmente ligado ao termo e a seu significado dentro de um contexto.

À luz do exposto, Paz (2015) define com proficiência o conceito de imagem e seus modos de construção. Ele determina a imagem como sendo toda forma verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta/escritor escreve e que, ao serem interligadas, compõem um poema/escrito. Afirma que a imagem consegue transcender o conceito e evocar o inefável, expressando a confluência de fenômenos opostos, e cada imagem ou composto de imagens pode conter inúmeros e distintos significados (PAZ, 2015).

Para exemplificar sua teoria acerca das imagens, Paz (2015, p. 35) menciona que a poesia, uma das faces da poética, permite que o poeta afirme que *pedras são plumas*: “Os elementos da imagem não perdem seu caráter concreto e singular: as pedras continuam sendo

pedras, ásperas, duras, impenetráveis, amarelas de sol ou verdes de musgo: pedras pesadas. E as plumas, plumas: leves”. Todavia, o resultado da construção imagética desafia o princípio de contradição e, ao enunciar a identidade dos contrários, escandaliza contra os fundamentos do pensar, do sentir ao ver (PAZ, 2015).

A imagem poética, nesse sentido, é uma linguagem capaz de transcender o sentido de “isto” e “aquilo” e de dizer o indizível, de modo que “[...] ilumina com tal luz a consciência, [...] ruptura com um ser antecedente, como uma conquista positiva da palavra” (BACHELARD, 2009, p. 3). Sendo assim, é aquela que não pode ser reduzida a simples elemento de informação, mas que traz, em si e no seu mostrar (PEIXOTO, 1988). Portanto, torna-se ponto de encontro onde nomes e coisas se fundem e são a mesma coisa, um reino onde nomear é ser.

Salienta-se também que, quando o escritor fala ou escreve, oportuniza-se buscar pela memória palavras às quais pretende utilizar. Assim, o escritor, ao construir imagens, revela um mundo subjacente não encontrado no tatear das páginas de jornais ou nos noticiários, ele relata quem nele vive; as imagens poéticas revelam o tudo e o todo. E, além desse poder de revelação do ser, elas têm o poder de imitar a realidade.

Paz (2015) defende que a imagem é responsável por transmutar o homem e convertê-lo em imagem, ou seja, em espaço onde o próprio homem, desgarrado desde o nascer, reconcilia-se consigo quando se faz imagem, quando se faz outro. Porque, segundo ele, a imagem consegue colocar o homem fora de si e, simultaneamente, o fazer regressar ao seu estado original, isto é, voltá-lo para si: “O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem – esse perpétuo chegar a ser – é. Poesia é entrar no ser” (PAZ, 2015, p. 50).

4 Imagens poéticas que figuram o tempo

A percepção do tempo deve prescindir da consciência de que nele ecoam elementos históricos que compõem a imagem de cada ser, seja no sentido individual ou coletivo. A partir desse ponto, o texto literário pode ser pensado como a presentificação do estado primordial da palavra: ato criador.

Por meio da imagem, tal como a concebe Paz (2015), a imaginação atemporal encarna no tempo presente do texto literário. Em outras palavras, o modo de ser da configuração imagética amplia o espaço das apreensões intuitivas, apresentando uma visão sincrônica do que se convencionou chamar real e real imaginário.

Os cus de Judas, a priori, apresenta uma figuração de temporalidade sempre presente, tempo que se encarna no calor dos acontecimentos. Esta possibilidade cíclica, para Paz (2015, p. 188), encarna o instante, o olho-d'água: “[...] dá de beber a água de um eterno presente que é, contudo, o mais remoto passado e o futuro mais imediato”.

À luz do exposto, em *Os cus de Judas*, os diferentes usos do tempo – articulados a outra camada fundamental, o espaço – marcam o ritmo de transformações estéticas e estruturais em íntima relação como o tempo é entendido e vivenciado nos diferentes contextos históricos e sociais.

Logo, notamos que Lobo Antunes em *Os cus de Judas* cria imagens poéticas como reflexo do tempo presente, a partir das leituras sociais do protagonista/narrador, que vivencia no instante dos acontecimentos, ou seja, o tempo vivido, elemento inseparável da existência de Lobo Antunes. Logo, “A relação com o tempo vivido verifica-se não só nos temas, mas também na forma com que esta categoria é trabalhada no romance, tanto na narrativa quanto na narração” (FONSECA, 2015, p. 14).

O vivido e o ficcional e a tensa relação com o protagonista do romance confluem-se num enredamento de tempos intercalados, cuja fragmentação é facilitada por indicadores de mudança temporal que afetam tanto a enunciação quanto a história:

[...] em seus romances, não há começo nem meio nem fim. Há um imenso “agora” que é o tempo do relato e que abarca passado e presente. Por outro lado, nesta múltipla sincronia, a possível linearidade do tempo fica diluída em um tempo fragmentado, em que o sujeito se mostra também dividido. Avançamos os relatos para avançar a trama; mas esta avança, paradoxalmente, em direção ao passado, numa tentativa inútil de dominá-lo e aprendê-lo, processo que é sempre o de uma intermitente construção. (COUTINHO, 2004, p. 17).

Segundo Fonseca (2015, p. 14), ao debruçarmos sobre uma obra com vistas a “[...] refletir sobre o tempo, noções como duração, simultaneidade, tempo psicológico, fluxo de consciência, tempo cronológico, acrônica e anacrônica apresentam-se como ferramentas fundamentais para o estudo desta categoria”. Encontramos no alfabeto bélico de Lobo Antunes articulações inusitadas e desafiadoras.

Em suma, a utilização dos recursos do tempo, enquanto imagem poética, está diretamente conectada ao tempo vivido. Neste caso, ao tempo vivido de toda uma nação que enfrenta um trauma histórico.

No tocante à proposta desta pesquisa, Ribeiro (2004) também apresenta, com clareza, mais alguns pontos sobre o romance que autorizam a sua inclusão nos horizontes de uma literatura, que constrói imagens poéticas do tempo:

[...] assistimos a um entrecruzar de tempos e espaços da memória da infância e da família, da guerra e do presente, em que é feito o ajuste de contas possível com o país, com o tempo vivido e com ele próprio. O romance torna-se assim como uma “crônica desse tempo” em que a escrita excessiva da história pessoal se confunde com a escrita da história de uma geração e, ao fazê-lo, converte este exercício terapêutico de revisão de uma identidade pessoal numa revisão mais ampla da identidade nacional, em que as rupturas pessoais sofridas pelo narrador-personagem, ao longo do percurso africano, se verão refletidas nas novas/antigas imagens de Portugal apresentadas nestas narrativas de regresso. (RIBEIRO, 2004, p. 264).

Assim, as imagens poéticas que figuram o tempo em *Os cus de Judas* são inconstantes, dependem da velocidade em que são sentidas à flor da pele pelo narrador, das emoções que ele carrega no peito, das texturas que por ele são percebidas e das cicatrizes que o seguem ao longo do *corpus* do romance.

Para além da complexidade que o conceito de tempo acarreta, o leitor loboantuniano conseguiria entender o íntimo da narrativa sem o recurso fragmentado dele, e a literatura, no que lhe concerne, só se desenvolve através das inúmeras formas de entrelaçar e assimilar o tempo, seja pela escrita do autor, seja pelas personagens no próprio enredo, mas também da relação entre os acontecimentos.

O formato como as imagens poéticas tratam o tempo também torna a literatura loboantuniana algo bastante singular, tornando o tempo ainda mais múltiplo. E no formato, observa-se a fragmentação supracitada: o tempo psicológico do protagonista (tempo individual), as figuras de linguagem analepses (retorno ao passado), das prolepses (avanço no tempo), das elipses (supressão de espaços temporais) e do próprio tempo do relato testemunhal e da imagem/discurso de si, de Lobo Antunes.

Todos esses componentes alteram a configuração de como o leitor, aquele que lê para si, mentalmente, ou para outrem, irá saborear na leitura o tempo e, a partir de arcabouços teóricos anteriores, pode-o sentir de diversas formas. Em outros termos, existem outros subsídios basilares, como qual a época temporal em que Lobo Antunes relatou sua história, ou qual o tempo em que o protagonista/narrador conta a história, ou no qual acontece a história ou, especialmente, qual o tempo em que o leitor a lê.

Ademais, as imagens poéticas do tempo presentes em *Os cus de Judas* coincidem com o tempo da imaginação do autor-personagem que nunca será igual ao tempo da imaginação do leitor durante o decorrer da leitura. Isso em razão de como o protagonista/narrador vive o seu próprio tempo psicológico, e manifestando-o em todo o *corpus* narrativo.

“[...] foi há seis anos e perturbo-me ainda” (ANTUNES, 1984, p. 32), conta o médico e ex-combatente ao seu interlocutor. O diálogo – ou monólogo – que dá corpo ao

romance se passa no período entre o início e o fim da madrugada de um dia não demarcado, na qual o narrador descreve, entre uma dose e outra de *whisky*, suas experiências vividas nos vinte e sete meses em que esteve a serviço das tropas de Portugal na luta contra os movimentos de independência angolanos.

Obviamente, as imagens poéticas do tempo multiplicam-se, por sua construção com base em um substrato autobiográfico, ao longo do romance:

O furriel enfermeiro, a quem a vista enjoava, ficava à porta da sala de operações improvisada, dobrado como um canivete, a vomitar num banco o feijão do almoço, e eu, tenso de raiva, imaginava a satisfação da família se lhe fosse dado observar, em conjunto e em chapéu de aba larga como na *Lição de Anatomia* de Rembrandt, o médico competente e responsável que desejavam que eu fosse consertando a linha e agulha os heroicos defensores do Império [...] (ANTUNES, 1984, p. 41).

É possível observarmos que se encontram presentes, neste excerto, as lembranças de dois tempos distintos: o tempo vivido na guerra e o tempo vivido com a família na irônica referência ao desejo desta em vê-lo médico de “heróis defensores do Império”. Experiências cujo uso do pretérito imperfeito reforça a sensação de continuidade, própria dos relatos memorialísticos.

O autor-personagem, por sua vez, ao aproximar-se das narrativas testemunhais que procura, através de uma enunciação no presente, encontra explicações plausíveis para um passado que o atormenta, a experiência vivida em Angola. Assim, a conexão entre as instâncias do tempo apresenta-se como potência de leitura das formas diversas de ver e de enfrentar a realidade modulada pelo pensamento humano; ou seja, suas conexões arvoram-se como uma linha para indagações sobre as fricções entre o texto literário e a modulação de imagens que contribuem para os processos de construção do tempo coletivo e individual.

A imersão de Lobo Antunes no tempo seria, então, uma maneira de aprofundar sua própria persona, que faz da imagem poética do tempo (e da memória) a sua fonte principal, o seu primeiro repertório de histórias. Tais considerações podem ser analisadas a partir do seguinte trecho da obra:

A masturbação era a nossa ginástica diária, êmbolos encolhidos nos lençóis gelados à maneira de fetos idosos que nenhum útero desinvernaria, enquanto, lá fora, os pinheiros e a névoa se confundiam numa trama inextrincável de sussurros húmidos, sobrepondo à noite a noite pegajosa de seus troncos, açucarados do algodão de feira popular de bruma. Como em pequeno na Praia das Maças, percebe, em fim de setembro quando deitávamos e o corpo se assemelhava a uma sementinha perdida no colchão enorme, enrugada, trêmula, agitando os filamentos peludos dos membros em espasmos assustados pelo som do mar lá embaixo (ANTUNES, 1984, p. 14).

Essa constatação da masturbação pode representar algo cotidiano nas noites no campo de batalha, em meio a “lençóis gelados”, é prontamente atravessada pela memória

desse ato em um tempo de infância vivido ao redor de uma paisagem altamente contrastante com a noite úmida e viscosa de Angola. Essa comparação entre diferentes temporalidades, todavia, ao invés de suplicar contra a verossimilhança do relato parece, de fato, potencializar.

À face de tais considerações, o narrador sugere que a realidade e a guerra também não são lineares, bem como seu fluxo de pensamento. Em consequência, cabe-lhe a “tarefa de traçar sua precária trajetória com o auxílio do ir e vir da memória associando, inclusive, cheiros, imagens e fatos de sua fase adulta à sua infância”, assim como ele enuncia “uma seleção de imagens de si mesmo que deseja projetar por meio de um ‘eu’ simulado” (FONSECA, 2015, p. 145).

Vale destacar ainda que, ao falar de si, as múltiplas vozes e imagens poéticas que figuram o tempo que imergem no romance, aparecem como elemento intrínseco ao narrador. Melhor dizendo: o recurso da escrita enuncia no presente o trauma do passado, possibilitando ao narrador um desnudamento de suas falhas e feridas, ainda que latentes, como quem deseja denunciar a sua fragmentação diretamente relacionada ao meio em que ele viveu. E, sobretudo, que o declínio de um “eu” está diretamente relacionado à acentuada desintegração que o narrador-personagem vai, paulatinamente, sofrendo, questionando sua identidade e a identidade de Portugal, conforme as inquietações, a distância, a consciência política e histórica.

Em tempos nos quais o tempo torna-se incipiente, a ficção literária apresenta-se como um espaço privilegiado para seu recurso, ou, se usarmos o conceito de Pereira (2014), como um “lugar de memória”. Para ela,

Considerar a literatura como um *lugar de memória* implica em concebê-la como um suporte no qual os múltiplos aspectos e imagens relativas às modulações variadas da memória podem ser selecionados e reelaborados através da palavra literária (PEREIRA, 2014, p. 349).

No movediço território das relações entre autor e narrador, entre testemunho e ficção, configura-se o “lugar de memória” de Lobo Antunes: um contexto histórico e literário para o qual *Os cus de Judas* contribuem significativamente. Conceito pelo qual o autor escreve e rasura; conserva-se, fragmenta-se e destrói-se, reelaborando o passado, ressignificando o presente e abrindo brechas para o futuro. A literatura pondera-se, assim, no porvir; descobre a capacidade introspectiva de rememorar por meio dos sentidos, cujo acionamento é feito de caráter fortuito.

A descrição das imagens feitas a partir da memória ganha no romance de Lobo Antunes cores irônicas e de profunda melancolia, em que o tédio e a falta de perspectiva

ganham um registro simultaneamente poético e revelador de uma condição de errância e inércia. A título de exemplo, o emprego do verbo no presente do indicativo em quase todo o capítulo M:

Moro por trás da Fonte Luminosa, na Pecheleira, num andar de onde se vê o rio, a outra banda, a ponte, a cidade à noite estilo impresso desdobrável para turistas, e sempre que abro a porta e tusso o fim do corredor devolve em eco o meu pigarro e vem-me como que a sensação esquisita, percebe? de me dirigir ao meu próprio encontro no espelho cego do quarto de banho onde um sorriso triste me aguarda, suspenso das feições como a grinalda de um carnaval que acabou. Já lhe aconteceu observar-se quando está sozinha e os gestos se atrapalham numa desarmonia órfã, os olhos procuram no seu reflexo uma companhia impossível, a gravata de bolas nos confere o aspecto derrisório de um palhaço pobre a representar o seu número sem graça para um curso vazio? (ANTUNES, 1984, p. 77).

Nesse excerto, é possível verificarmos tanto a carnavalização das práticas cotidianas como a referência ao circo, que será um dos aspectos fundamentais na obra *Explicação dos pássaros*, publicado em 1981. Esses recursos, auxiliados pelo uso do tempo verbal no presente do indicativo, intensificam a desesperança e a solidão que impregnam o dia a dia de retorno do narrador/personagem.

Neste ponto, ressaltamos os estudos de Lodge (2011) que, a respeito de *Os cus de Judas*, diz que o leitor é levado à condição que se aproxima à de ouvintes de uma história, que todo processo de escrita, ficcional ou não, também depende de um deliberado ato de escolhas por parte de quem escreve. Logo, o caráter testemunhal em *Os cus de Judas* atrelasse à criação das imagens poéticas do tempo, além de servir como álibi de sua credibilidade, fator reforçado se nos atermos a como a forma em que o relato é construído pode ser portadora de indícios garantidores de sua condição de sujeito capaz de transmitir certa experiência.

Conclusão

Ao longo da obra de António Lobo Antunes, notamos a recorrência de imagens que figuram a temática do tempo, conforme constata Fonseca (2015), uma vez que a literatura loboantuniana, a partir de uma linguagem descontínua e fragmentada, constrói estratégias narrativas, mas também discursivas, nas quais um sujeito pós-moderno, descentrado pelos traumas da guerra, desestabiliza noções como linearidade e univocidade.

O alfabeto de Lobo Antunes faz, ainda, o leitor revelar seu mundo, sua existência: ao afastar-se do mundo possível e mergulhar na impossibilidade. Assim, as imagens do tempo em *Os cus de Judas*, entendidas tanto no sentido literal como no simbólico, têm uma

dimensão paradoxal na qual a inação é reveladora de uma intensa criação de imagens desconectada com a “construção da verdade no mundo”.

Destarte, constatamos que as imagens poéticas que emergem na obra de Lobo Antunes figuram o tempo como o sobrestar da existência, a proximidade entre autor e narrador, entre testemunho e ficção. Além disso, peregrinam ao mundo etéreo, desconhecido e intangível ao ser vivente; ou, ainda, como um recurso de salvação. Assim, o romance evidencia a aridez de uma realidade que compartilhamos, na qual a percepção e os usos do tempo, o sentido e a importância da memória geram novas demandas para a percepção de um mundo cujo diálogo com a ficção se intensifica e com as quais António Lobo Antunes se mostra tão sintonizado.

Referências

- ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**: a palavra plural. São Paulo: Escuta, 2010.
- CARDOSO, Norberto do Vale. **A mão-de-Judas**: representações da Guerra Colonial em António Lobo Antunes. Lisboa: Texto Editores, 2011.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Aduato (Org.). **O olhar**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995. p. 361-365.
- COUTINHO, Alexandre Montauray Baptista. **Testemunho e ficção**: os lugares da fala na obra de António Lobo Antunes. 2004. 176 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2004.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- FERNANDES, Alexandre Claudius. António Lobo Antunes: a obra, a escrita dilacerada e a (pós)modernidade. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 2, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3041>. Acesso em 16 dez. 2021.
- FONSECA, Carlos Henrique. **Tempo, memória e identidade em Os cus de Judas, de António Lobo Antunes**. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.
- HACK, Lilian.; SOUSA, Edson Luiz André de. Escrever imagens, escavar palavras: buracos na linguagem. **Informática na Educação**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2016. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/54659>. Acesso em: 08 dez. 2022.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, n. 28, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16314/12499>. Acesso em: 01 dez. 2022.

REIS, Alice Casanova dos. et al. **Psicologia social em experimentações: arte, estética e imagem**. Florianópolis: ABRAPSO Editora, 2015.

RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo**. Porto: Afrontamento, 2004.

ROMMEL, Leonardo Von Pfeil; SPAREMBERGER, Alfeu. A construção da memória da Guerra Colonial em Os cus de Judas, de Lobo Antunes. **Navegações**, v. 10, n. 1, p. 3-11, 2017. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/navegacoes/article/view/25252>. Acesso em 13 dez. 2021.

SEIXO, Maria Alzira. **Os romances de António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

POETIC IMAGES: TIME IN *OS CUS DE JUDAS*, BY ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Abstract

The imaginary is understood as a set of images capable of cultivating a coherent whole, that is, although the images have different meanings, there is always an underlying force that gives coherence to the meanings emanating from them. This work aims, therefore, to investigate the poetic images that figure time in the novel *Os cus de Judas*, published in 1979, by António Lobo Antunes. In addition, we seek to verify how the concept of time is articulated, in order to understand not only the author's narrative and discursive strategies, but also his relationship with the historical context in which he was inserted. That said, we adopted as a methodology the bibliographic research and qualitative nature. Thus, we reflect on the poetic images in *Os cus de Judas*, adopting as a reference the studies of Fonseca (2015), Durand (2011), Paz (2015), Bachelard (2009), Seixo (2002), among others. Through the analysis of the aforementioned work, we found that the poetic images that emerge from Lobo Antunes represent time as the superstar of existence, the proximity between author and narrator, between testimony and fiction. Furthermore, they travel to the ethereal world, unknown and intangible to the living being; or even as a resource of salvation.

Keywords

António Lobo Antunes. *Os cus de Judas*. Poetic image. Time.

Recebido em: 28/08/2022

Aprovado em: 20/03/2023